

## RESENHAS

### CACTUS E SEMPRE-VIVAS

*Conceição de Souza Licurgo Soares*

A obra *Sempreviva* de Antonio Callado, editada pela Nova Fronteira em 1981, desenvolve temática atual e interessante. Já nas primeiras páginas acompanhamos o exilado Quinho, Vasco Soares Lanceiro, retornando ao Brasil, via Bolívia, para vingar a prisão, durante uma seção de cinema na Europa, e posterior morte de sua namorada e amante Lucinda. O amor entre eles precisava ser um segredo, até mesmo para seus amigos militantes políticos, por questão de segurança. Na época Lucinda esperava um filho, que Quinho nunca viu nascer, ela deixou tão fortes lembranças no amado que ele não só sonhava com ela, como também procurava-a nas outras mulheres com quem se relacionasse. A lembrança de Lucinda faz com que Quinho misture sonho e realidade, justificando o título *Sempreviva*.

Em Londres, ficou Liana, uma amiga com quem mantém correspondência em código e que o ajuda a encontrar Claudemiro Marques e Ari Knut, ambos torturadores que mataram Lucinda.

No Brasil, encontra a família Iriarte (pai, Jupira, Herinha, tio Pepe) que muito lhe dão apoio, principalmente por parte de Jupira, mãe de Herinha. E Juvenal Palhano, um pesquisador, amante de botânica que, procurado por Quinho recebeu uma carta de Franz Hofmeyer, da Wildlife Foundation.

A partir daí o drama inicia-se num jogo de disfarces. Quinho finge-se de sociólogo-pesquisador e descobre mortes e contrabando na fazenda de Antero Varjão (na verdade, Claudemiro Marques) que é morto pelos seus cães de fila após Ter sido banhado em sangue de boi, durante sono profundo, por Quinho. Juvenal Palhano (na verdade, Ari Knut) que já vigiava Quinho desde a entrega da carta, tomando conhecimento de que Liana descobrira

IDEAÇÃO	Foz do Iguaçu	n.2	p. 149-150	1999
---------	---------------	-----	------------	------

seu paradeiro e da morte de Claudemiro, manda que 4 jagunços prendam Quinho. Revelando a Jupira sua verdadeira identidade, pede que esta lhe dê a sabiá Verdurino da filha Herinha. Esta criança é o elemento mágico e ambíguo. Ela ouve quando Quinho conta à Jupira a tortura e a morte de seu macaquinho de estimação e talvez tenha ouvido o pedido de Palhano-Knut e talvez tenha lhe dado não o sabiá, mas a cobra cascavel que o pica e lhe traz a morte. Ou teria sido uma das plantas carnívoras?

Quinho é morto por uma coronhada muito forte desferida pelo Jagunço Dianóel.

A obra assemelha-se a um romance policial pelas surpresas contidas no jogo de disfarces e pela resolução do conflito através de personagens e ações aparentemente amigáveis.

Desenvolve dois discursos distintos nas construções gramaticais e no léxico. O discurso do narrador e dos personagens seguem a norma gramatical culta, inclusive estabelecendo perguntas quanto à concordância, e possui vocabulário acessível e de conhecimento geral, exceto na fala de Juvenal Palhano, que usa a linguagem técnica do botânico.

Outro discurso diferenciado é o de Claudemiro, que apresenta construções telegráficas, frases curtas, e uma linguagem carregada de obscenidades, incluindo os palavrões.

Alguns pontos da narrativa são deixados de lado, como se não tivessem importância, para serem estabelecidos mais adiante. Tornando a narrativa repleta de novidades e surpresas.

O único personagem infantil da narrativa entra como elemento mágico, isento de culpas, capaz de dar solução à trama silenciosamente. Personagem protegido pelo narrador que não deixa clara sua participação na morte de Palhano-Knut.

A construção da narrativa em mosaico mistura amor, desejo, medo, Pátria, a mulher como elemento que estabiliza, surpresas, tudo para proporcionar ao leitor fantásticos momentos de prazer.